

A CIDADE, A PALAVRA E O CORPO: SOBRE A POESIA DE ALBERTO PUCHEU

(texto apresentado no evento Panorama da Palavra, na Universidade Cândido Mendes, em evento sobre o poeta no dia 12/09/01)

Se me perguntassem quem é Alberto Pucheu, bem poderia dizer que é o poeta dos rinocerontes, como dizemos, por exemplo, que Volpi é o pintor das bandeirinhas. Mas poderia dizer, também, que é o poeta dos fragmentos, das cavernas, das pinturas japonesas, dos naufragos, do zen. Poderia dizer ainda que é o poeta do diálogo com aqueles, muito precisos, que, aqui e ali, aparecem em sua poesia: Homero, Heráclito, Van Gogh, Jorge de Lima, Edmond Jabès, René Char, o Thomas Mann de Tonio Kröger, Aleijadinho, John Cage, Fernando Ferreira de Loanda, Dührer, Pascal, Aristóteles, Parmênides, Crátilo... Vozes outras nas quais encontra a própria voz.

Mas talvez deva dizer, com mais precisão, que Alberto Pucheu é o poeta da cidade, da palavra e do corpo, de uma certa relação entre eles que ele mesmo descreve como uma fronteira desguarnecida. Isso ainda não é dizer tudo, não se pode dizer tudo. Teria ainda que perguntar quem é o poeta dos dois últimos livros que publicou, sobretudo este último, A vida é assim, tão surpreendente para aqueles que acompanham seu percurso poético.

Começo, então, pelo Pucheu que parece mais evidente, o da cidade, da palavra e do corpo. O da cidade aberta e da fronteira desguarnecida.

A cidade está aberta e faz fronteira não com outras cidades, mas consigo mesma, com os outros com os quais ela se confunde: o corpo e a palavra que, por sua vez, se confundem entre si: a palavra com o corpo, o corpo com a cidade, a cidade com a palavra. A descrição dessa fronteira na cidade, de sua abertura e de seu desguarnecimento, se desenvolve sobretudo nos três primeiros livros de Pucheu.

Em Na Cidade Aberta, vemos uma cidade descrita com fragmentos nas avenidas, com ondas que arrebatam na audição, com deuses se espalhando no trânsito, Ares prensado contra o asfalto sufocante, máquinas que se chocam como corpos, um caminhão de mudanças estuprando uma kombi branca de frete contra o poste. Os peitos são armados de ferro e de estampido. O asfalto se amarra no sol. A poesia pega ônibus, leva soco das palavras, desmaia, derrapa, capota, fica presa entre ferragens de página. A rua é de papel. A maresia engole carros. A esquina engrena métricas de motores nos pulmões. Lâminas de liquidificador atravessam a voz. As palavras caem e de repente alguém fala.

Na Cidade Aberta é a primeira descrição da cidade, mas já contém todos os seus elementos fundamentais: máquinas confundidas com homens, palavras confundidas com máquinas, o corpo na cidade descobrindo o corpo da cidade e a cidade do corpo, as palavras circulando, como sangue e tinta, as ruas e as páginas indistinguindo-se. Nesse primeiro livro, a cidade já está aberta, não para fora, mas para dentro, encontrando, em suas vísceras, as palavras e os corpos. Há um elemento, no entanto, que desaparecerá nos próximos livros: a presença dos deuses. A que se deverá essa fuga dos deuses? Os deuses, em Na Cidade Aberta, comem pela boca dos homens, e saciam sua sede de sangue nos acidentes de trânsito.

Por outro lado, nesse primeiro livro, já se anuncia aquilo que será a tônica do mais recente livro de Pucheu, as palavras colhidas na boca de transeuntes, seja na marina da Glória ou na Central do Brasil. O poeta que anda pela cidade aberta constrói sua poesia com pernas e olhos, mas também com ouvidos. A cidade que se vê é também a que se ouve. Há uma oscilação permanente, na poesia de Pucheu, entre a cidade vista e a cidade ouvida, uma oscilação que deve ser atribuída à ambigüidade da palavra, com a qual se constrói essa cidade: ao mesmo tempo, letra e som.

No segundo livro, *Escritos da Freqüentação*, é a letra que vai constituir o alicerce da cidade. Sim, porque se trata de construir, fazer a genealogia dessa cidade descrita e habitada em *Na Cidade Aberta*. Segundo essa genealogia, no princípio eram as letras e dentro de todas as coisas são letras que existem. Certamente, encontramos ainda aí o corpo, pois o mundo nasce do esbarro da mão em uma língua, e corre pelos dedos, mas os alicerces da cidade são apenas seis letras. Há linhas que delinham ruas e toneladas de concreto nas páginas. Isso se deve, talvez, ao fato de que este segundo livro sejam *Escritos*. Vocês sabem: escritos se escrevem com letras, não com sons. As letras são visíveis, não audíveis. Os escritos são lidos, não ouvidos. É claro que o corpo não está totalmente de fora: o homem tem subúrbios com mais curvas que os bairros, as frases são mastigadas, as palavras não só encurralam, como curram. Mas as letras são a senha a palavra o enigma. É preciso potes de tinta para escrever as palavras. Nos *Escritos da Freqüentação*, a cidade aberta é a cidade escrita: apenas indicações de vogais. Os deuses físicos dos gregos de *Na Cidade Aberta* são substituídos pelo deus escriba dos judeus. A referência dos *Escritos* não é mais Homero, mas Jabès. Talvez os deuses desapareçam quando a escrita aparece. Os deuses são o real, diz Lacan, mas Deus é a lei escrita. O primeiro livro de Pucheu é grego, mas o segundo é judeu. O primeiro é politeísta, o segundo monoteísta.

Mas o monoteísmo é a passagem do politeísmo para o ateísmo, nos ensina Hegel. E o que vemos no terceiro livro de Pucheu é o ateísmo poético. Em *A Fronteira Desguarnecida*, o real retorna mas não como os deuses e sim sob o testemunho pânico de alguns, produzindo uma desordem no corpo e nas coisas, uma fronteira desguarnecida entre a pessoa e a cidade. O que sai da boca, não são mais letras nem palavras, mas uma perna espremida, o que ainda há de genitália, o que ainda há de intestino, uma hélice, um vidro de janela, um carro acelerado, um pedaço de mar, um fuzil. Nessa cidade atéia, as estátuas dos santos tremem nas salas, tudo ri de nós, o corpo é baleado pelas paisagens e o homem encontra-se perdido no meio da rua. Um despacho na encruzilhada não é mais o alimento dos homens e dos deuses, mas provoca o seqüestro de qualquer esperança. A cidade, sem direção, encontra-se cativa na permanência do desassossego.

O poema que culmina todo o percurso que se inicia com *Na Cidade Aberta*, *Sebastianópolis* – um dos mais belos poemas da língua portuguesa –, só surge no quarto livro, *Ecometria do Silêncio*. Mas é a mesma experiência atéia da cidade de *A Fronteira Desguarnecida* que vemos aí descrita, na precipitação de carros do desespero, nos galhos a florando no lugar do pensamento, desgrenhando a cidade, unindo e separando homens para guerrearem entre si por espaços, comida, dinheiro, praias, carros, por qualquer supérfluo que lhes agrada, nas paredes de perturbação, no corpo desabando perdido planando nas garras metálicas de uma nave cravada na história e nos devaneios de qualquer solidão. As buzinas, aqui, expressam inquietudes que as palavras não conseguem. Por sobre as sílabas do paralelepípedos construídos nos *Escritos*, nasce agora o capim, que os cobre. O poema conclui: há reticências por todos os lados.

Sebastianópolis não é mais, como nos primeiros livros, um poema com o qual se constrói a cidade: politeísta, monoteísta ou atéia. Quando o grande poema da cidade surge, a cidade já está desgrenhada. Ele é apenas um poema para se carregar no bolso, com um corpo entregue aos abalos da cidade. Não se mastigam mais palavras, mas vergalhões. O torrão ancestral está perdido. As palavras derivadas em poemas são enumerados junto com a oscilação da Bolsa, a noite de carros, o exagero luminoso por todos os bairros e o abalroamento na esquina e na estrada. Quem escreve, agora, está à margem de todas as coisas. Há uma rebelião sísmica e contínua da cidade.

A fronteira desguarnecida também reaparece em Ecometria, mas esta, de número 2, descreve não mais o jovem tranqüilo na pista do bem-te-vi de Na Cidade Aberta, mas alguém aflito com o contraste entre a velocidade do carro e a do corpo meditativo caminhando à beira da baía. O templo aqui é impreciso: é o templo das perdições. A criação vai à deriva.

Não é de espantar, portanto, que a cidade desapareça, e apareçam seus habitantes. Em Ecometria do Silêncio, quem escreve é alguém que diz, insistentemente: estou só. Não há mais palavras ou letras, mas um silêncio recolhido. Como o da madeira ou do fruto mais maduro. As letras, agora, são da distância, os nervos, da lacuna. As perguntas se extinguíram. O corpo do pensamento está suspenso a uns três pés acima do solo.

A fala pode ser abandonada em qualquer lugar, por desleixo ou cansaço, e o que se encontra é apenas o movimento do que cala. Os livros são deixados para o lixo. Segue-se quase cego, quase surdo, quase mudo, com a fraqueza de palavras que murmuram e assopram um hálito afônico. Fala-se por falar.

E então o que se ouve é essa fala cotidiana acolhedora do sempre rejeitado supérfluo. O terceiro dos poemas inesperados que fecham o livro, colhe na tv um poema para a maior audiência do país. No último livro de Alberto Pucheu, A vida é assim, só há essas duas vozes: a do poeta que fala por falar e a das falas alheias cotidianas que são colhidas. A cidade aberta desaparece. Em seu lugar, aparece a vida.

Mas há ainda um último poema feito na cidade aberta. Não são os três poemas-arranjos – como parece sugerido pelo subtítulo – de A vida é assim. Nesses, se ouvem as vozes na cidade, mas não a cidade. Neles, o que se ouve é a vida dos que vivem na cidade. Não a cidade. A cidade aberta aparece pela última vez, na verdade, no Poema da Constatação Retornante. É lá que o poeta, tendo ido dar sua última volta pela cidade aberta, nela se transforma, segundo a sintaxe dessa cidade, em uma máquina de carne que caminha por entre carros. Uma máquina que não é protegida pelo mar da cidade, que vai entre o trânsito de outras máquinas, que pode ser esmagada por um leve susto de outra máquina, que mistura-se a ferros, vidro, borrachas, e cujo motor de carne pega pelas manhãs e funciona ao longo de todo o dia. O que a máquina de carne aprende nessa última caminhada pela cidade aberta é que há um preço a pagar pelos que habitam a cidade.

Não sei dos caminhos que a poesia de Alberto Pucheu vai seguir. A cidade aberta parece fechada, as fronteiras encontram-se mais guarnecidas. O Poema da Constatação Retornante parece ter sido o último a cruzá-la e a abri-la.

Quanto às falas dos que ficaram, elas podem ser ouvidas no ônibus, no trem, nas ruas, nas mensagens eletrônicas, nas salas de conversa da internet, nas secretárias eletrônicas, na tv, ou na fala do próprio poeta dos poemas da primeira parte de A vida é assim. Elas dizem todas a mesma coisa: as palavras me fogem... as palavras me fogem...